

Comité de Representantes



ALADI

Asociación Latinoamericana
de Integración
Associação Latino-Americana
de Integração

APROVADA
NA 012 a. Sessão

ALADI/CR/Ata 640
(Extraordinária e Solene)
6 de maio de 1997
Hora: 9h 30m às 10h 30m

ORDEM DO DIA

O Comitê de Representantes recebe a visita do
Excelentíssimo Senhor Presidente da República
Federativa do Brasil, Fernando Henrique Cardoso.





Presidente:

JESUS SABRA

Assistem: Jesús Sabra, Gustavo Adolfo Moreno, Flaviano F. Gabriel Forte, Elizabeth Wimphheimer, Jorge Alberto Biglione e Julia Adriana Pan (Argentina), Antonio Céspedes Toro e José Guillermo Loría (Bolívia), José Artur Denot Medeiros, Hildebrando Tadeu Valadares, Mitzi Gurgel Valente da Costa, Ana Elisa de Magalhães Padilha Pupo-Neto, Carlos Márcio Cozendey, Flávio Marega e Antônio Otávio Sá Ricarte (Brasil), Augusto Bermúdez, Leopoldo Durán Valdés, Lilia Rodríguez, Alejandro Marisio e Juan Guillermo Valenzuela (Chile), Henry Javier Arcos (Colômbia), Augusto Bermúdez, Leopoldo Duran Valdés, Lilia Rodríguez, Alejandro Marisio e Juan Guillermo Valenzuela (Chile), Moisés Arteaga Lozano, Humberto Jiménez (Equador), Rogelio Granguillhome, José Luis Solís, Bernardo Flores, Alberto Rodríguez, Arturo Juárez, Adolfo Treviño Ordorica e Julio Lampell (México), Efraín Dario Centurión, Carlos Galeano, Alfredo Núñez, Susana Morinigo e Isidro Valiente (Paraguai), Efraín Saavedra Barrera, Agustín da Madalengoitia e Pedro Bravo (Peru), Adolfo Castells Mendívil, Carlos Zeballos, Jorge Jure e Bruno Faraone (Uruguai), Juan Moreno Gómez, Oscar Fornosa e Ariel Vargas (Venezuela), Ana Ramos de Pijuán (Costa Rica), Manuel Aguilera de la Paz e Diana Canton Otaño (Cuba), Tang Min Gxin (República Popular da China), David Ruano Lemus (Guatemala), Luis Ramón Ortiz (Honduras), Radu Vasile Urzica (Romênia), Jean-Louis Giddey (Suíça) e Roberto Casañas (OEA).

Secretário-Geral: Antonio J. C. Antunes

Secretário-Geral Adjunto: Isaac Maidana Quisbert

Comitiva Oficial: Luiz Felipe Lampreia, Ministro de Estado das Relações Exteriores, Alcides Saldanha, Ministro de Estado, Interino dos Transportes, Raimundo Mendes Brito, Ministro de Estado das Minas e Energia, General Brigadeiro Alberto Mendes Cardoso, Chefe da Casa Militar da Presidência da República; Antonio Britto Filho, Governador do Estado de Rio Grande do Sul, Albano do Prado Franco, Governador do Estado de Sergipe, Luiz Augusto Araújo Castro, Embaixador do Brasil no Uruguai, Gerson Fonseca Junior, Assessor Chefe da Assessoria Especial da Presidência, Affonso Massot, Diretor-Geral de Assuntos Consulares, Jurídicos e de Assistência a brasileiros no Exterior, do Ministério das Relações Exteriores, Luiz Augusto de Castro Neves, Diretor Geral do Departamento das Américas do Ministério das Relações Exteriores, Frederico César de Araujo, Chefe do Cerimonial do Ministério das Relações Exteriores.



PRESIDENTE. Senhores Representantes, damos início à 640ª sessão, extraordinária e solene, pela qual o Comitê de Representantes recebe a visita do Excelentíssimo Senhor Presidente da República Federativa do Brasil, Fernando Henrique Cardoso.

Excelentíssimo Senhor Presidente da República Federativa do Brasil, Fernando Henrique Cardoso, Senhor Chanceler Luiz Felipe Lampreia, Senhores Ministros do Poder Executivo, Senhores Governadores, distinta Comitiva Presidencial, Senhores Representantes, Senhor Secretário-Geral, Senhor Secretário-Geral Adjunto, Senhores Observadores de países e organismos internacionais, senhoras e senhores, em nome do Comitê de Representantes da ALADI, é para mim um grande prazer e uma honra receber hoje, nesta Casa da Integração -que de fato é também sua Casa- um grande Presidente de um grande país, o Presidente da República Federativa do Brasil.

A relevância da personalidade que hoje nos visita surge de sua dupla condição de político e humanista.

Efetivamente, o atual Presidente do Brasil, reúne duas condições importantes. Uma, a de moderno homem de ação, que deve enfrentar continuamente os problemas e às vezes os dilemas de governo de um país tão importante e complexo. A outra condição é a de possuir um espírito particularmente sensível ao impacto que produzem as grandes transformações da sociedade atual sobre o homem comum; protagonista principal da vida de nossas nações.

Senhor Presidente, interpretamos, tal como Vossa Excelência manifestou em recente entrevista, que o objetivo da integração econômico-comercial mas também socio-cultural de nossas nações, é a base e a chave do sucesso de um desenvolvimento harmonioso de nossos povos, tanto em nível regional quanto universal.

Esta Associação, que serviu ao longo dos anos como foro para a negociação, o debate e a confrontação de idéias e interesses dos latino-americanos, hoje serve de estrutura abrangente para grandes impulsos sub-regionais em um contexto político crescentemente democrático, contexto onde todas nossas economias nacionais têm realizado grandes esforços de adaptação para transformar-se e modernizar-se.

Portanto, podemos referir-nos, em nível sub-regional, ao MERCOSUL, ao Pacto Andino, ao Grupo dos Três, entre outros. Ao mesmo tempo que em nível regional, vemos como a ALADI constitui o foro de negociação natural entre estes esquemas de integração e outros países da região e se perfila como uma das bases das negociações atuais e futuras em prol da unidade hemisférica.

Desejaria deter-me um instante quanto ao MERCOSUL para destacar o grande crescimento e dinamismo em tão poucos anos desta pujante associação de países, da qual o Brasil constitui parte indispensável e que representa por sua dimensão, o quarto bloco comercial do mundo.



As cifras falam por si só, desde a assinatura do Tratado de Assunção em 1991, o comércio intra-MERCOSUL passou de aproximadamente cinco bilhões para mais de dezesseis bilhões de dólares atualmente.

É evidente também que o papel eficiente e flexível desempenhado pela ALADI foi de fundamental importância durante muitos anos e preencheu uma lacuna existente previamente nas relações entre nossas nações.

De fato, o complexo entrelaçamento de acordos de alcance parcial e regional, tecido pacientemente, serviu não só para aproximar nossos povos, facilitando a circulação de suas respectivas produções, constituiu também a base sobre a qual podem trabalhar os negociadores atuais a fim de alcançar novos esquemas integradores.

Estes esquemas sub-regionais, como no caso do MERCOSUL, tendem a converter-se no motor atual do processo geral de integração. Contam inclusive com a possibilidade de abranger áreas como os investimentos, a cooperação cultural e científica, a energia, o transporte e os serviços. Por outro lado, podem absorver os acordos regionais em matéria comercial.

A ALADI está em condições de prover os instrumentos técnicos para aproximar mais ainda os atuais países-membros, reforçando os laços que os unem.

Mais ainda, a ALADI está em condições de forjar novos acordos com o resto dos países do continente decidido o acordado pelos Presidentes em seus encontros hemisféricos.

Não desejo estender-me nas cifras eloqüentes do desempenho de nossa Associação, tema que certamente será desenvolvido pelo Senhor Secretário-Geral. Basta dizer que o comércio intra-regional já alcança atualmente aproximadamente 24 bilhões de dólares e que o investimento direto entre nossos países passou de 300 milhões de dólares anuais na década de 80 para aproximadamente 6 bilhões anuais, atualmente.

No ano passado, modernizamos a estrutura da Secretaria-Geral buscando maior eficiência e profissionalidade de seus recursos humanos e já estamos constatando resultados favoráveis.

Neste sentido, devo manifestar-lhe, Senhor Presidente, que a equipe da Secretaria-Geral está trabalhando com decisão, entusiasmo e seriedade sob a acertada condução do Engenheiro Antonio Antunes, fiel intérprete dos interesses nacionais e regionais do processo de integração econômico latino-americano.

Senhor Presidente, o Comitê de Representantes, órgão político da Associação se encontra hoje dedicado à preparação da Décima Reunião do Conselho de Ministros e à tarefa da redefinição do papel da Associação, tanto no âmbito regional, como frente aos novos compromissos de alcance hemisférico.



Esta tarefa está centralizada na busca de uma maior integração de nossas respectivas economias, com o propósito de enfrentar, nas melhores condições possíveis, as negociações que seguramente virão com os grandes blocos econômicos mundiais.

É necessário destacar que para alcançar esta meta, resulta de grande importância o aprofundamento do entrelaçamento de acordos vigentes na região, acordos que se complementariam com a incorporação de outros setores produtivos diferentes ao dos bens e com a ampliação das negociações aos países da América Central e do Caribe.

Para concluir, gostaria de assinalar, Senhor Presidente, que nossas coincidências com seus ensinamentos se devem a que consideramos que os processos de integração que se estão concretizando hoje no mundo e em nossa região, para ser verdadeiramente bem sucedidos e viáveis, devem ter justamente um caráter integral que supere a simples associação de interesses comerciais.

Isso é assim porque o propósito que nos guia deve ser sempre ser dar respostas eficazes às demandas globais de nossas sociedades.

Senhor Presidente Cardoso, consideramos sua visita à Associação como um marco importante em sua história e estamos certos de que seu tradicional apoio aos grandes objetivos que orientam nossa ação ver-se-á reforçado mais ainda no futuro.

Senhor Presidente, seja bem-vindo a esta Casa que hoje se honra com sua presença.

Muito obrigado.

- Aplausos.

A seguir, tem a palavra o Senhor Secretário-Geral, Engenheiro Antonio Antunes.

SECRETÁRIO-GERAL. Excelentíssimo Senhor Presidente da República Federativa do Brasil, Doutor Fernando Henrique Cardoso, Excelentíssimo Senhor Chanceler, Embaixador Luiz Felipe Lampreia, Senhores Membros da Comitiva Oficial, Senhor Presidente do Comitê de Representantes, Senhores Representantes Permanentes e Observadores, Senhor Secretário-Geral Adjunto, senhoras e senhores.

Caríssimo Presidente Fernando Henrique Cardoso,

Fatos novos de integração, surgidos nesta década, inauguram uma nova etapa histórica, encaminhando uma efetiva articulação e convergência econômica e cultural entre nossos onze países.

O primeiro e mais relevante destes fatos é a formação de um entrelaçado de acordos bilaterais, plurilaterais e sub-regionais que têm em comum o livre comércio de bens e o fato de que vários países participam em mais de um deles caracterizando assim seu entrelaçamento.

Existe uma dezena desses acordos em vigência e estão em negociação outros cinco acordos, sendo quatro para estabelecer o livre comércio e um para aprofundar preferências atualmente concedidas, todos eles dando continuidade ao entrelaçamento dos acordos.

Os dez acordos vigentes permitirão que o comércio entre os países da ALADI esteja livre de qualquer restrição em 75% do seu valor no ano 2004.

Se as negociações em marcha concluem nos prazos previsíveis, se chegará praticamente ao livre comércio da parte mais substantiva dos bens entre todos os países sul-americanos membros da ALADI e também nas relações do México com Bolívia, Chile, Colômbia, Venezuela, Peru e Equador.

Outro fato da integração está constituído pela verdadeira criação do mercado intra-regional. O comércio intra-ALADI vem crescendo em média mais que 23% ao ano e já assumiu papel estratégico similar ao comércio com os Estados Unidos, Europa e Ásia, qualificando-se como degrau firme para a nossa competitividade no mercado mundial.

Juntamente com a criação do mercado, se concretiza uma perspectiva favorável de uma nova era de expansão dos investimentos produtivos na região, com base em fatos: o novo impulso nos investimentos estrangeiros diretos na região e a nova estratégia dos empresários nacionais de expansão extra-fronteiras de seus negócios.

Os fatos integradores desta década transcendem o enfoque tradicional vinculado tão somente ao comércio de bens e se projetam a outras áreas do acontecer econômico, político e cultural dos nossos países.

Proliferam os encontros e associações latino-americanas dos vários segmentos da sociedade civil de nossos diferentes países em todos os campos da atividade: cultural, científica, profissional, tecnológica, sindicalista, econômica, social e política.

Multiplicam-se entre os países da ALADI outros acordos e empreendimentos, bi e plurinacionais, com uma abrangência que vai muito além do campo comercial, visando a cooperação nas mais diversas matérias e também o estabelecimento de normas comuns e investimentos associados.

Destacam-se os acordos e empreendimentos destinados a construir conexões ou explorar recursos compartilhados em transportes terrestre, aéreo, e marítimo; em produção e comércio de petróleo e derivados; em abastecimento de gás e construção de gasodutos; e, na geração e transmissão de eletricidade. Esses acordos e empreendimentos vêm demonstrando grande efetividade para superar velhos conflitos, criar novos espaços de desenvolvimento compartilhado e estabelecer compromissos praticamente indestrutíveis entre os países que participam deles.

Como se pode observar, Senhor Presidente, com este entrelaçado de fatos integradores estamos criando novos espaços econômicos e culturais ligando entre si os nossos países, espaços que contêm uns a outros ou que têm partes comuns

entre si, todos eles projetando novas dimensões geoeconômicas e geopolíticas à integração intra-regional.

São espaços compatíveis com os novos paradigmas de organização e competitividade empresariais e com a lógica realista da convivência mundial entre a liberalização econômica multilateral e a realidade da configuração de blocos regionais entre os países. São espaços que se fundamentam tanto na união de interesses privados nacionais e transnacionais concretos, quanto na obrigatoriedade jurídica de cumprir compromissos assumidos pelos Governos.

Este entrelaçado de fatos integradores, Senhor Presidente, constitui base material imprescindível para o desenvolvimento econômico, social e político; para a governabilidade; para a democracia; e, para a convivência pacífica de nossos países.

Eles constituem, na verdade, um conjunto coerente de realizações concretas, que se articulam e fazem a convergência intra-regional, mediante negociações e compromissos ainda predominantemente realizados parte a parte. Enquanto isto, o processo preparatório para o estabelecimento da ALCA não apresenta ainda fatos concretos de integração, está ainda em tratativas preliminares, mas tende a encaminhar-se avassaladoramente para uma única negociação multilateral.

Entretanto, Senhor Presidente, este entrelaçado de acordos e empreendimentos é um patrimônio irrenunciável, obtido com muito custo e que nossos países dispõem para construir a ALCA, para participar ativamente do processo multilateral da OMC e das negociações unilaterais ou coletivas com países e blocos de outras regiões.

Senhor Presidente,

A ocasião é oportuna para meditar sobre em que e o como dar continuidade a estes fatos, posto que estamos na véspera da X Reunião do Conselho de Ministros da ALADI e das reuniões em que se decidirá sobre como serão as negociações constitutivas da ALCA.

Vossa Excelência, Senhor Presidente, reúne condições incontestáveis para propor caminhos a seguir, em articulação com os governantes dos demais países-membros desta Associação, pelos seus profundos conhecimentos, por seu entranhado compromisso com a América Latina, por sua capacidade política e pela clareza e didática com que Vossa Excelência conceitua os problemas e discerne suas soluções.

Permita-me, Senhor Presidente, manifestar minha enorme satisfação por contar com a presença de Vossa Excelência nesta Casa, tendo em conta todas as circunstâncias de vida e de amizade que nos relacionam e o apoio e incentivo que sempre recebi de Vossa Excelência.

Sua presença, acompanhado de tão honrosa e importante comitiva, que inclui o digníssimo Senhor Chanceler Luiz Felipe Lampreia, membro do organismo político máximo da ALADI, somada à permanente atuação da Delegação brasileira neste Comitê, chefiada pelo Embaixador José Artur Denot Medeiros, demonstram a importância que o Brasil dá a esta Casa da Integração.



Senhor Professor Presidente, Senhor Presidente Professor,

Em homenagem a sua visita, faço-lhe entrega deste documento que resume os novos fatos da integração da ALADI e se destina ao conhecimento e à meditação dos Senhores Presidentes e Chanceleres dos onze países.

Saiba, Senhor Presidente, que esta Secretaria está cumprindo cabalmente os mandatos de sua adequação e modernização, e está a sua inteira disposição para responder a todos os desafios de apoio nas negociações, para fazer o seguimento do conjunto de fatos integradores e para conceber alternativas para esta nova era que se começa a viver, de articulação e convergência, aqui, nesta Casa da Integração.

- Aplausos.

PRESIDENTE. Pediria a Vossa Excelência, Senhor Presidente da República Federativa do Brasil, Fernando Henrique Cardoso, que se digne dirigir-nos a palavra nesta Sessão Extraordinária.

PRESIDENTE DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL (Doutor Fernando Henrique Cardoso).

"Embajador Jesús Sabra, Presidente do Comité de Representantes, Señor Antonio Antunes, Secretario General de la ALADI, Señores Representantes Permanentes, Señoras y Señores:

Yo creo que el hecho de que la ALADI hoy día tenga el significado que ha sido expresado esta mañana, tanto por el Presidente del Comité de Representantes como por el Secretario General, muestra el acierto de las decisiones anteriores de los gobiernos de la región. Y como acá estamos en un sitio donde hay la posibilidad de que cada cual hable su propio idioma, yo le voy a pedir permiso para hablar en portugués, que es otra consecuencia positiva de ALADI, que podemos hablar cada cual en su propio idioma y siempre que hablemos un poco más lento y sin usar palabras muito "esdrúxulas", como "esdrúxulas," que possamos nos entender.

Eu queria, se me permitem, dar um pequeno depoimento pessoal sobre as questões de integração, que alguns dos aqui presentes acompanham o processo há muito tempo.

No início a ALALC foi, efetivamente, quase que uma decisão de vontade de um grupo pequeno de intelectuais, de profissionais, com apoio limitado de algum setor político. No início dos anos 60 coube a mim fazer um estudo, a pedido da CEPAL, a pedido mais especificamente do Diretor de Assuntos Sociais da CEPAL, que na época se chamava José Medina Echevarría, um grande sociólogo espanhol que queria saber o efeito da ALALC sobre a percepção que os empresários de alguns dos nossos países tinham quanto ao fenômeno da integração. E fiz uma pesquisa, escrevi um trabalho que foi apresentado, se não me falha a memória, em Viña del Mar, não, foi em Mar del Plata.

Para minha não-surpresa, a verificação foi óbvia. Os empresários simplesmente desconheciam a ALALC. Os empresários paulistas, isso foi em

1961, esses então mal sabiam do Rio de Janeiro, como iam se preocupar com o ficava além do Rio Tieté, que é o rio que passa por São Paulo, passava naquela altura como rio, hoje passa um pouco mais penosamente como esgoto. Não havia a mais remota consciência da importância da integração. Ainda nos anos 60, em algum momento, a pedido do Doutor Raúl Prebisch, eu fui à América Central e lá se conversava, se estava já organizando o Mercado Comum Centro-Americano e se tratava da criação de um banco de desenvolvimento regional. Entrevistei alguns dirigentes de vários daqueles países e realmente a idéia ainda era muito elementar sobre quais seriam as conseqüências da integração e basicamente o interesse era objetivar, organizar o banco. Os bancos sempre tiveram mais força do que os comitês de integração. É natural que tenham.

De lá para cá a transformação foi imensa. Todo o trabalho que já foi aqui comentado pelos que me antecederam mostra que a partir da decisão de 1980, a constituição da ALADI, o impulso foi muito grande. E esse impulso correspondeu, por um lado, ao avanço, ao aperfeiçoamento das próprias organizações encarregadas do processo integrador, que perceberam com maior realismo quais eram as possibilidades, os limites desse processo e, mais ainda, treinaram pessoas capazes de fazer esta negociação, treinaram nos Ministérios das Relações Exteriores principalmente, treinaram nos Ministérios de Indústria e Comércio, até mesmo na Fazenda, que sempre é mais difícil de ser conquistado. O último bastião onde se precisa fazer alguma coisa a ser conquistada é o Ministério da Fazenda. Onde se conquistou a Fazenda tem-se a impressão de que o Presidente é prisioneiro da Fazenda. Por isso fui primeiro Ministro da Fazenda, para poder ser Presidente sem ser prisioneiro.

Pois bem, esse processo ganhou muita força e essa força hoje não deriva, embora tenha sido originada desses organismos internacionais e do esforço dos técnicos de algum setor político, mas já hoje essa força não deriva apenas disso. Os números são eloqüentes. Deriva de que existe realmente um processo que tem a ver com a prática econômica da nossa região. Há vantagens na associação e as vantagens se traduzem em resultados, em resultados concretos de comércio e investimento, de parcerias novas, enfim, da configuração de um espaço econômico, que é um espaço econômico mais favorável aos negócios. E no mundo de desenvolvimento capitalista ou se alcança esse grau de compreensão, de motivação no setor empresarial, ou realmente as iniciativas se estiolam na boa vontade de quem propõe, na competência angustiada dos técnicos e na incapacidade de que daí derive alguma coisa mais concreta. Mas, hoje não é mais assim. Hoje existe o sentimento efetivo de que a integração resulta em algo positivo.

Mas, mais ainda, nós, de alguma forma, estamos sendo alcançados por um processo de outra natureza, distinto daquele que ocorreu na América Latina, e que leva à integração. A idéia latino-americana de integração era uma idéia muito embasada numa certa visão, até diria mesmo em uma ideologia latino-americanista, uma visão de que deveríamos constituir a pátria grande, para utilizar a expressão comum. Não foi assim na Europa. Na Europa de início havia até reação, o De Gaulle queria a Europa das pátrias, não queria saber de pátria grande, e o processo que começou a se desenvolver na Europa teve outras motivações. Mas também o processo europeu foi atropelado por um processo, esse sim inclusive abrangente, que é o que hoje nós chamamos de globalização, que embora existisse, obviamente, nos seus albores, nos seus começos, nos anos

60, não se tinha dele a consciência que se tem hoje, até porque nos anos 60 o que havia de novo nesse processo, que hoje se chama globalização, era o fato de que algumas empresas de porte internacional começavam a operar não apenas no país-sede mas nos países que antigamente teriam sido apenas mercados para os países sedes das empresas de porte mundial.

Isso era o fenômeno que estava ocorrendo nos anos 60. Era a expansão, mas dentro de uma escala tradicional. Aí, numa visão tradicional, era a expansão do sistema produtivo que ia integrando mercados além do que na linguagem da CEPAL se chamava o centro, ou seja, parte da periferia tinha ligações diretas com o centro.

Hoje é distinto. Hoje independentemente de centro e de periferia, do que seja, o modo de produzir levou à globalização, à mundialização, Por quê? Por causa da revolução tecnológica, que não havia ocorrido ainda nos anos 60. Quando começava a existir a idéia de integração, quando começava a existir uma reorganização, em termos empresariais, de mercados e deslocamento da produção não existia ainda a internacionalização do processo produtivo. O que se fazia era transferir partes do sistema produtivo anteriormente concentrado nas matrizes, para as filiais, do centro para a periferia, mas dentro da fábrica tudo era igual. Apenas as fábricas que vinham para aqui não completavam ou não faziam toda a gama de produtos que era o que se fazia nas matrizes.

Aqui, hoje, é diferente. Houve uma partição do processo produtivo, que se deslocou de uma maneira vigorosíssima e o mesmo produto é parcialmente fabricado em regiões as mais distintas através de técnicas que são inovadoras e que só puderam existir por causa da reforma da informática, do sistema de computadores e da capacidade que nós temos hoje de informação imediata de tudo o que ocorre, de controles que podem estar localizados num sítio, mas que diz a respeito ao planeta todo. Este é um outro processo já. Muitas vezes nós confundimos as coisas, então nós estamos sofrendo aqui uma espécie de terremoto, "temblor de tierra fuerte", que está realmente um "revesón", que está, realmente, digamos, modificando as bases do sistema produtivo mundial e do sistema de organização das empresas do mundo e, por ende, por consequência, também do sistema político, do sistema de decisão, porque o sistema de decisão também, se possível, é de alguma maneira, ele como que evapora de um lugar fixo. Ele pode ser tomado a partir de redes de informação que se localizam em qualquer parte do planeta e isso não impede que a decisão possa ser tomada e o poder não estar mais ligado à proximidade com o modo nem de produzir nem de decidir.

É uma verdadeira revolução. Há um tempo atrás eu insistia em um tema que foi mal compreendido lá no Brasil, de que nós estamos vivendo uma época correspondente à do Renascimento. E como as pessoas costumam ver a globalização como exclusão, como um processo que leva à exclusão, quando alguém diz que é o Renascimento imaginam que se está abençoando a exclusão. Que é o que eu posso fazer se o espírito, às vezes, não tem a grandeza de julgar o outro com um pouco mais de bondade e pensa sempre que o outro está simplificando para o lado negativo? Não, existem os dois processos ao mesmo tempo, existe um processo de exclusão por causa do sistema produtivo que já não tem mais a ver exclusivamente com o sistema político e econômico. Não é o regime de

produção, é o modo de produzir que leva a essa exclusão, por um lado, mas, por outro lado, existe também toda uma gama nova de oportunidades que permite um novo pensamento. Daí falar de Renascimento, porque permite pensar o mundo de uma maneira diferente, e até mesmo na comparação que fiz sobre Renascimento tinha a ver com o fato que o Renascimento, como foro cultural, como o que deu depois o racionalismo que mais tarde vai dar uma filosofia iluminista, séculos depois, tem a ver com o fato da expansão também do comércio, tem a ver com o fato da descoberta do outro. Os europeus descobrem outros mundos e percebem que, embora eles quisessem ser o centro do mundo, havia outros centros. É só olhar para a China e eles olhavam para a China e se assustavam porque o mundo não era só a Europa.

Hoje, todo mundo sabe que o mundo não pode ser "só mais nada". Ele é ao mesmo tempo muitas coisas diferenciadas. Isso nos leva a fazer uma revolução mental. Ou fazemos uma revolução mental ou não vamos ser capazes de estar à altura dos desafios do nosso tempo e, portanto, se essas condições que estão se formando aí requerem pensamento novo é necessário que haja realmente os renascentistas, alguém que pense de uma maneira que não seja a maneira tradicional, com todas as conseqüências disso. Nós aqui estamos sofrendo as conseqüências disso de um certo ângulo, mas dá para perceber deste ângulo, o conjunto de implicações desta revolução pela qual a humanidade, não um só país, passa.

Aqui, também, de alguma maneira, quando nós pensamos em integração, nós temos que tomar em consideração que as idéias de integração foram mudando, em parte, em função dessas grandes transformações que ocorreram por trás delas. A integração da qual eu falei, Ministros, dos anos 60, 61, que era uma tentativa que, digamos, desse pedaço da América do Sul, da América Latina, de se pensar, ainda não tinha muito a ver com a revolução, não tinha nada a ver com a revolução do setor produtivo. Tampouco tinha ver ainda com a questão das transformações das multinacionais. Ela tinha a ver somente com o fato de que se buscavam mercados maiores. E isto é pouco, isto que parecia muito, naquela época, a escala, a busca de escala é pouco. Os paulistas não se preocupavam com a ALALC porque tinham escala no Brasil para o sistema produtivo nosso da época. Então, para que preocupar com o resto? Não tinha sentido. Era uma idéia intelectual, chegar lá e perguntar: "Você, que é que acha da integração?" Não acha nada, não sabe nada". Ele acha que vender uma maquininha de costurar, ali perto, na periferia de São Paulo, tudo bem. Isto já mudou.

A questão que está posta aqui é que nós estamos agora diante, vamos dizer as coisas como são, de duas visões, nesse momento. A visão, digamos assim, que foi aqui exposta, ALADI, negociações crescentes entre nós, e a visão ALCA, que já responde, ainda sem ter noção concreta de tudo, mas já começa a querer responder à revolução do sistema produtivo mais amplo. São coisas psicológicas em planos distintos. Politicamente, cabe a pergunta que foi feita aqui. Por quê? Porque, evidentemente, uma coisa é eu reconhecer que existe um processo no mundo, outra coisa eu perguntar como meu país entra nesse processo. Ele entra sem precauções, ele entra como se se tratasse de uma coisa cujo efeito eu não sei? Ou vou saber do efeito e vou medir as conseqüências, vou limitar àquelas que forem negativas e tirar proveito das que são positivas? Esse é o nosso desafio. O nosso desafio agora, dito em termos da linguagem da diplomacia brasi-

leira, é saber se nós vamos baixar para a integração hemisférica via "building blocks", ou saber se se trata de algo que de repente surge, como se nada houvesse do passado, e de repente se propõe uma integração só, de uma só vez "once and for all". Evidentemente a prudência indicaria que o "once and for all" é um jogo de escala. Mas, nós temos que entender as realidades do mundo e estamos entendendo. Como este processo de integração hemisférica corresponde a uma estrutura mais complexa de desafios do que o nosso processo integracionista, ele também tem muitas possibilidades de convencimento, se não para todos, para alguns.

Por outro lado, esses processos não estão-se dando isoladamente no mundo. Existe a Europa, a União Européia, existe a Ásia, existe a China, existe o Japão, existe a ACE, existe uma série de alternativas e nós como já temos uma história, aqui já assinalada, de discussão integracionista, de negociações entre nossos países, de interesses que se vão perfilando, definições que se vão formando. Nós temos, portanto, algum grau de opção e temos a responsabilidade de exercer as nossas opções, tendo em vista os interesses de nossos povos.

Acredito que nesta matéria, como em qualquer outra matéria de política nacional, não cabe uma atitude de exclusão e uma atitude de imposição. Os países todos que aqui estão se homogeneizam em certos aspectos e se diferenciam em outros e seus interesses são, aqui uso uma expressão que se usou aqui, uma espécie de geometria variável no nosso entrosamento, uma certa geometria variável. Eu estava nesta Sala, não me lembro se foi nesta, estava aqui em Montevideu quando o então Chanceler do México Solana informou que o México ia marchar para o NAFTA. A posição do Brasil qual foi? Apoiou. O Presidente Itamar Franco, eu era chanceler, colocou no seu discurso uma frase de encorajamento ao México. Por quê? Porque queríamos nós que o México não participasse mais da ALADI ou não viesse a formar parte da comunidade das nações latino-americanas? Não. Porque entendemos que o México, dadas suas peculiaridades, tem a liberdade, obviamente, de se adaptar às circunstâncias que impõem novos desafios ao México. No momento em que o Chile discute se vai ter ou não vai ter "fast track" nós temos a mesma atitude. A economia chilena tem certas peculiaridades, diferentes da economia brasileira e de outras mais, que dão ao Chile a possibilidade de examinar esse caminho, à condição, penso eu, para que seja proveitoso para todos, de que esse não seja um caminho excludente. Fizemos o acordo do MERCOSUL com o Chile, como fizemos o acordo com a Bolívia e faremos outros acordos mais, sempre que possível, dentro do guarda-chuva, do "sombbrero" da ALADI.

Acho, já que os desafios são múltiplos e se colocam em planos muito diversos, respondem a questões muito diversas, objetivas no mundo contemporâneo, que nós também não podemos nos fechar num só caminho. Isso implica que nós não podemos fechar também com a idéia de que a ALCA já é como uma só negociação bateu o martelo e acabou, porque isso seria prejudicial à nossa acumulação histórica e aos nossos interesses concretos atuais.

A ALADI vai continuar sendo indispensável nessa negociação. Na medida em que nós entendamos a questão dos "building blocks" como uma questão não contra a integração hemisférica, mas como um caminho seguro para a integração



hemisférica que seja benéfica para todos, o guarda-chuvas, o "paraguas" da ALADI, passa a ser fundamental.

Eu creio que era esta mensagem que queria trazer, de confiança na ALADI, no seu papel neste momento tão decisivo em que nós, de espírito aberto, nos aproximamos de negociações que são negociações que vão definir, pelo menos, o começo do próximo século, a nossa capacidade de participação e o limite dela nesse novo mundo que está se formando.

Não cabe a mim falar pela ALADI nem falar pelo conjunto dos países, mas sim pelo Brasil. O Brasil é um país que tem uma estrutura de comércio, uma estrutura de produção, que requer a sua permanência como "global trader". O Brasil é um país que pelo porte de sua economia, não se pode "encajonar", ficar preso numa só linha, como imagino que os Estados Unidos também o sejam e como a Europa também o é ou como a China também o é ou como o Japão. Nós pertencemos à família de países que necessitam de um espaço, de oxigênio mais amplo. Portanto, essa vai ser nossa atitude. Vamos prestigiar as negociações de Belo Horizonte, vamos prestigiar a questão da integração hemisférica, mas vamos também olhar com muita objetividade os nossos interesses próprios na negociação ponto por ponto. É a nossa vontade, essa sim, inabalável de nos mantermos como parte do MERCOSUL e como membros ativos da ALADI, negociando tratados com nossos vizinhos da América do Sul, negociando tratados com o México, negociando o que seja possível no sentido que seja positivo para os que estão nesta negociação. Mas entendendo que o mundo que está se transformando requer novas formas de integração, porque a base produtiva mudou, porque tudo mudou e essa mudança implica em que os mercados locais são insuficientes, não só pela questão de escala, os problemas de organização, os problemas das novas formas de produção, os novos nichos de comércio que se vão abrir pelo mundo afora. Portanto, nós teremos uma posição construtiva.

Eu quero terminar reafirmando aqui o agradecimento brasileiro a tudo o que está sendo feito na ALADI, ao Presidente do Comitê, ao Secretário-Executivo, que é meu compatriota e como ele mesmo diz, foi meu companheiro nos tempos da CEPAL, ao nosso Embaixador Denot Medeiros aqui presente, aos demais embaixadores. Ao reiterar esses agradecimentos, eu quero terminar dizendo-lhes que, pelo menos na visão que eu tenho, nós estamos passando por uma fase criativa, inovadora, da humanidade que vai produzir, está produzindo, problemas terríveis. Mas também está produzindo condições para que nós enfrentemos esses problemas da pobreza, esses problemas da exclusão, etc., etc.. Dizendo que porque esse novo modo de organizar a produção cria também seus problemas, as formas integracionistas não podem se esgotar nos tratados de comércio, nos tratados de tarifa, de "aranceles". Tem que haver algumas idéias mais amplas que resgatem, simplesmente, a face humana de um processo histórico. Não estamos lidando com mercadorias, estamos lidando com gentes que produzem mercadorias e que consomem mercadorias. Não nos alienemos ao ponto de pensar que, ao discutir as formas de fazer circular as mercadorias, nós estamos resolvendo os problemas do ser humano. Não estamos. E nós temos que insistir, como políticos, aí já não é mais em termos de uma compreensão analítica, mas como políticos, portanto, como alguém que tem valores, que acredita que é possível mudar o mundo -nós temos que insistir, qualquer que seja nossa decisão nessas formas de integração, no fato de que nós não podemos aceitar a



assimetria, desigualdade e injustiça e quando estivermos discutindo a integração no nível hemisférico temos que, de novo, insistir nesses pontos. Nós estamos vivendo em países cujas sociedades internamente são muito desiguais e entre elas também muito desiguais. E se nós quisermos ou tivermos também que pensar em termos renascentistas, que implicam um novo humanismo, hoje não se trata mais apenas de dizer que o homem é a medida de todas as coisas. Esse humanismo hoje implica em alguma dimensão de solidariedade, em alguma dimensão ética. Pode parecer estranho que o Presidente da República, ao discutir integração, venha a colocar uma questão ética, mas essa será nossa força até mesmo na discussão na ALCA, porque essa discussão hoje ultrapassa os Governos e os Estados nacionais e toca os povos, toca as organizações não-governamentais, permite que se levantem questões e bandeiras que vão facilitar que o processo de integrador realmente seja benéfico para as nossas sociedades.

Com esse espírito aberto, com uma ALADI capaz de ser o grande guarda-chuvas não apenas de negociações importantíssimas comerciais, mas também que introduza na sua linguagem novas idéias e valores, eu tenho a impressão que nós podemos marchar juntos para construir sociedades melhores para os nossos povos.

Muito obrigado aos Senhores por toda a gentileza.

- Aplausos.

PRESIDENTE. Muito obrigado, Senhor Presidente.

Permito-me, após esta cátedra do Senhor Presidente da República Federativa do Brasil, sugerir que o discurso de Vossa Excelência seja um documento de base para nossa próxima reunião do Conselho de Ministros, dado que nele estão resumidas as linhas fundamentais do acionar de nossa Associação.

Creio que esse é o desejo de todos os Senhores Representantes.

Senhor Presidente, como é de praxe aqui queremos oferecer-lhe um pequeno presente como lembrança de sua passagem pela Associação: é uma medalha comemorativa da Associação Latino-Americana de Integração.

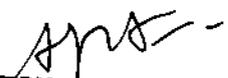
EXCELENTÍSSIMO SENHOR PRESIDENTE DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL (Fernando Henrique Cardoso). Muito obrigado. Eu também, como estamos aqui em uma negociação entre países, faço-lhe entrega de outra medalha, para que exista igualdade.

- Hilaridade.

- Aplausos.

PRESIDENTE. Encerra-se esta sessão extraordinária e solene.

ES COPIA FIEL DEL ORIGINAL


ANTONIO J. C. ANTUNES
Secretario General